

<https://doi.org/10.26512/pl.v10i20.38714>

*Ensaio recebido em: 29/06/2021*

*Ensaio aprovado em: 01/12/2021*

*Ensaio publicado em: 06/01/2022*

UMA LEITURA DOS TEXTOS “SOBRE O HAXIXE E OUTRAS DROGAS”, DE  
WALTER BENJAMIN  
experimentação e iluminação profana

A READING OF “ON HASHISH” BY WALTER BENJAMIN  
experimentation and profane illumination

*Wellington Moura de Jesus Filho<sup>1</sup>*

*([wellington.mf92@gmail.com](mailto:wellington.mf92@gmail.com))*

244

**Resumo:** O trabalho tem como objeto o conjunto de textos sobre haxixe e outras drogas do filósofo alemão Walter Benjamin e visa a compreender os experimentos com drogas realizados pelo autor entre os anos de 1927 e -1934. Tendo como horizonte a cientificidade própria às humanidades, ele não visa a constituir um posicionamento moral em relação aos experimentos, mas definir um quadro de referências que permita entender os motivos que levam Benjamin a realizá-los, bem como as narrativas que publicou a respeito. Para precisar seu estatuto, este trabalho parte da análise do material publicado, buscando referi-lo a um conjunto mais amplo de textos e às preocupações do autor no período.

**Palavras-chaves:** Haxixe. Embriaguez. Experiência.

**Abstract:** The object of the work is the set of texts on hashish and other drugs by the German philosopher Walter Benjamin and aims to understand the drug experiments carried out by the author between 1927 and -1934. Having as its horizon the scientificity proper to the humanities, it does not aim to establish a moral stance in relation to the experiments, but to define a frame of reference that allows us to understand the reasons that lead Benjamin to carry them out, as well as the narratives he published about them. In order to clarify its statute, this work starts from the analysis of the published material, seeking to refer it to a broader set of texts and the author's concerns at the time.

**Keywords:** Hashish. Drunkenness. Experience.

## INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0790189042303471>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0078-8278>.



O presente trabalho tem como objeto o conjunto de textos “*Sobre o haxixe e outras drogas*”<sup>2</sup> do filósofo alemão Walter Benjamin e visa a compreender os experimentos com haxixe, ópio e mescalina realizados pelo autor entre os anos de 1927 e 1934. Ele não tem como intuito um posicionamento moral em relação a tais experimentos, mas definir um quadro de referências que permita compreender os motivos que levaram Benjamin a realizá-los. Para precisar o estatuto dessas experiências, partiremos da análise dos textos publicados, buscando, sempre que possível, relacioná-los ao conjunto mais amplo de textos e preocupações do autor nesse período. Dois outros temas, estudados ao longo da pesquisa e diretamente ligados ao interesse de tais experimentos, serão abordados em textos posteriores: a questão do tempo, em particular as variações que pode sofrer sua apreensão em estados alterados de percepção, e a noção de “iluminação profana”, cunhada em um texto famoso redigido em 1929 (*Surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia*), que remete ao contexto – histórico e teórico – em que se dão tais experimentos. Com relação ao tempo, buscaremos indagar como é possível descrever tais alterações e os modos de fazê-lo testados por Benjamin, e aprofundar os motivos que levam o filósofo a investigá-las. No tocante à iluminação profana, procuraremos definir o termo e expor as razões de seu emprego para nomear parte das ações do movimento surrealista e sua prática revolucionária.

Antes de iniciar tal estudo, no entanto, é preciso ter uma ideia mais precisa dos experimentos referidos, bem como dar conta do material que dispomos a respeito, a começar pelos textos.

## 1 DESENVOLVIMENTO

Uma primeira análise do material reunido nas duas coletâneas disponíveis em português, a primeira publicada em 1984 e a segunda em 2013<sup>3</sup>, e das publicações originais de que elas provêm<sup>4</sup> mostra que o conjunto de textos de Benjamin sobre esses temas pode ser inicialmente

---

<sup>2</sup> Título dado à segunda coletânea desses textos publicada em língua portuguesa, a cargo do português João Barrento (BENJAMIN, 2013). Cf. *infra* I.

<sup>3</sup> Respectivamente, *Haxixe*, trad. Flávio de Menezes e Carlos Nelson Coutinho (Brasiliense, 1984) e *Imagens de pensamento/Sobre o haxixe e outras drogas/Walter Benjamin*, ed. e trad. João Barrento (Autêntica, 2013). Cf. abaixo as referências completas.

<sup>4</sup> A obra *Über Haschisch – Novellistisches, Berichte, Materialien (Sobre haxixe – escritos novelescos, relatórios, materiais)*, publicada em 1972, que serviu de base à primeira coletânea publicada em português, e o quarto e o sexto volumes dos *Gesammelte Schriften (Escritos reunidos)* – a primeira edição crítica dos textos de Benjamin –, que serviram de base para a edição, bem como para as notas, da segunda.



disposto em três grupos: (1) “*Imagens de pensamento*”, como o texto “*Haxixe em Marselha*”; (2) *Histórias e escritos novelescos*, como a narrativa “*Myslowitz -Braunschweig- Marselha*”<sup>5</sup>; e, por fim, (3) *Relatórios ou protocolos de experiência com drogas*, referente às experiências feitas pelo autor, em sua maior parte, sob supervisão médica, entre dezembro de 1927 e maio de 1934. Detalharemos brevemente essa classificação:

- (1) “*Imagem de pensamento*” (no original, *Denkbilder*) foi o nome dado a uma coletânea publicada em 1972 pela editora Suhrkamp<sup>6</sup>, reunindo textos inéditos e textos publicados esparsamente pelo autor, entre meados dos anos 1920 e meados dos anos 1930, em jornais e revistas alemães e suíços. É sob essa rubrica que é publicado, pela primeira vez, o texto “*Haxixe em Marselha*”. Como se vê na tabela abaixo, é como uma “imagem de pensamento” que essa narrativa aparece não só nas edições alemãs, mas também na primeira tradução da coletânea em português (Brasiliense, 1987), sendo só na mais recente edição dessa obra (Autêntica, 2013) que o texto deixa de integrar o conjunto:

246

Publicação original		Traduções em português	
Haschisch in Marseille  <i>In: Denkbilder</i> , 1ª edição, Editora Suhrkamp, Frankfurt am Main, 1972, pp. 95-105.	Haschisch in Marseille  <i>In: Denkbilder</i> , <i>Gesammelte Schriften</i> , v. IV, 1, 1ª edição, Editora Suhrkamp, Frankfurt am Main, 1972, pp. 409-417.	Haxixe em Marselha  <i>In: Imagens do pensamento</i> , <i>Obras escolhidas</i> , II. Trad. Rubens R. Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 1ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. pp. 248-255.	Haxixe em Marselha  Sobre o haxixe e outras drogas. <i>In: Imagens de pensamento/Sobre o haxixe e outras drogas/Walter Benjamin</i> . Edição e trad. João Barrento. 1ª edição. Autêntica Editora, 2013. pp. 135 - 142 . (Coleção Filô/Benjamin; 4)

Mais importante que essa decisão editorial, no entanto, é precisar o sentido do título (ou formato literário), que, como esclarece um comentário de sua edição mais recente, seria “muito característico” da forma de Benjamin “pensar o real nas suas dimensões empíricas, oníricas e

<sup>5</sup> Só publicada na primeira coletânea, com o título “Haxixe: a história de um transe” (*Haxixe*, 1984, pp. 17-26).

<sup>6</sup> O título aparece tanto como volume separado da Biblioteca Suhrkamp (*Bibliothek Suhrkamp*, v. 407) quanto no interior do quarto volume dos *Gesammelte Schriften*.



de memória”<sup>7</sup>. Isso ficaria evidente na abertura de uma das peças do livro: “*Encontrar palavras para aquilo que temos diante dos olhos é qualquer coisa que pode ser muito difícil. Mas, quando chegam, batem com pequenos martelos contra o real até arrancarem dele a imagem, como de uma chapa de cobre*”. O mesmo comentário lembra ainda uma passagem de Adorno: “[na noção de imagem de pensamento] intervém uma concepção de Platão [...], segundo a qual a ideia não é mera representação, mas um ente em si que, ainda que releve puramente do espírito, possui uma realidade sensível”<sup>8</sup>. Voltaremos a isso.

(2) *Histórias e escritos novelescos*: é sob essa segunda rubrica (no original, *Geschichten und Novellistisches*) que se encontra a narrativa *Myslowitz-Braunschweig-Marseille – die Geschichte eines Haschisch-Rausches* (*Myslowitz-Braunschweig-Marselha – a história de um transe*<sup>9</sup> de haxixe) no quarto volume dos *Gesammelte Schriften* (GS). Publicada inicialmente em 1930 na revista berlinense *Uhu*, essa história novelesca ou “novelada”, como diz a tradução brasileira, é republicada pela primeira vez em 1972 no quarto volume dos GS, mas também numa coletânea organizada por seu editor, Tillmann Rexroth, intitulada *Sobre haxixe – escritos novelescos, relatórios, materiais* (no original, *Über Haschisch – Novellistisches, Berichte, Materialien*). É esta última coletânea que vai servir de base para a primeira edição em português dos escritos *Sobre haxixe e outras drogas*, intitulada simplesmente *Haxixe* (cf. tabela abaixo, colunas 2 e 4).

247

Publicação original			Traduções em português	
Myslowitz-Braunschweig-Marseille – Die Geschichte eines Haschisch-Rausches	Myslowitz-Braunschweig-Marseille – Die Geschichte eines Haschisch-Rausches	Myslowitz-Braunschweig-Marseille – Die Geschichte eines Haschisch-Rausches	Myslowitz-Braunschweig-Marselha – haxixe e a história de um transe  <i>In: Haxixe.</i>	Myslowitz-Braunschweig-Marselha – a história de uma experiência com haxixe.  <i>In: Histórias e contos.</i> Trad. Telma

<sup>7</sup> Comentário. *In: Imagens de pensamento/Sobre o haxixe e outras drogas/Walter Benjamin*. Ed. e trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 174. (Coleção Filô/Benjamin; 4)

<sup>8</sup> Para as citações desse trecho, cf. Comentário. *In: Imagens de pensamento/Sobre o haxixe e outras drogas/Walter Benjamin*. Ed. e trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 174. (Coleção Filô/Benjamin; 4)

<sup>9</sup> Seguimos aqui a tradução da palavra *Rausch*, que aparece na coletânea brasileira, cf. *supra* nota 4, considerando, no entanto, que ela é traduzida em vários dos textos citados por “embriaguez”. Uma outra possibilidade de tradução do mesmo título seria: “História de uma viagem de haxixe”.



<p><i>In: Uhu,</i> Berlim, n. 7 (1930/31), caderno 2, nov. 1930, pp. 90-101.</p>	<p><i>In: Über Haschisch – Novellistisches, Berichte, Materialien,</i> 1<sup>a</sup> edição, Editora Suhrkamp, Frankfurt am Main, 1972.</p>	<p><i>In: Geschichten und Novellistisches, GS, v. IV, 2,</i> pp. 729-737. 1<sup>a</sup> edição, Editora Suhrkamp, Frankfurt am Main, 1972.</p>	<p>Trad. Flávio de Menezes e Carlos Nelson Coutinho. 1<sup>a</sup> edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. pp. 15-26.</p>	<p>Costa. Lisboa: Teorema, 1992. pp. 21-36.</p>
--	---	--	---	---

É nessa obra também que se publicam, pela primeira vez, os textos que constituem o terceiro conjunto de textos referido acima;

- (3) *Relatórios ou protocolos de experiências com drogas*, antologia organizada por Rexroth em 1972 e traduzida por Flávio de Menezes e Carlos Nelson Coutinho em 1984, não só reproduziam as narrativas “*Haxixe em Marselha*” e “*Myslowitz-Braunschweig-Marseille*”, mas revelavam a ligação delas com uma série de experimentos realizados pelo filósofo e alguns amigos entre o final dos anos 1920 e meados dos anos 1930 – experiências que envolviam a ingestão, o fumo e a inoculação de diferentes drogas. A documentação de tais experiências – realizadas, ao que se sabe, sob a supervisão dos médicos Ernst Joël e Fritz Fränkel, que Benjamin conhecia de épocas anteriores – é publicada, também pela primeira vez, nessa coletânea. Vale notar que esse material, acrescido de uma nota que o editor então desconhecia (encontrada no arquivo de Max Horkheimer), será republicado no “*Apêndice*” (*Anhang*) ao sexto volume dos *Gesammelte Schriften*, publicado em 1985, sob a rubrica “*Protocolos de experiências com drogas*” (no original, *Protokolle zu Drogenversuchen*). E, nessa última edição, estas são enumeradas de I a XII (em algarismos romanos). Seguindo as indicações dessa edição, que ordena os protocolos de forma mais clara, reproduzimos na tabela abaixo a enumeração desses protocolos (coluna 1), localizando-a, nas colunas subsequentes, primeiro em relação à edição original de Rexroth (coluna 2) e, em seguida, nas duas diferentes edições em português: a publicada em 1984 (coluna 3), que reproduzia a edição original, e a edição mais recente, a cargo de João Barrento (coluna 4), que só reproduz os protocolos redigidos por Benjamin, além de não reproduzir o protocolo que servira de base para a narrativa *Haxixe em Marselha* (de 29 de setembro de 1928; cf. abaixo, protocolo IV).



Publicação original		Traduções em português	
Publicação nos <i>Gesammelte Schriften</i> ( <i>Escritos reunidos</i> ), v. VI, 1985	Publicação original na coletânea <i>Über Haschisch – Novellistisches, Berichte, Materialien</i> , 1972	<i>Haxixe</i> . Trad. Flávio de Menezes e Carlos Nelson Coutinho. 1ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984	Sobre o haxixe e outras drogas. In: <i>Imagens de pensamento/Sobre o haxixe e outras drogas/Walter Benjamin</i> Edição e trad. João Barrento 1ª edição, Autêntica Editora, 2013. (Coleção Filô/Benjamin; 4)
<i>Anhang – Protokolle zu Drogenversuchen</i> , GS, VI, pp. 558-618	<i>Crocknotizen</i> [Notas sobre o crock] e <i>Berichte</i> [Relatórios]	“Notas sobre o êxtase de haxixe” e “Relatórios”	“Protocolos de experiências com drogas”
<b>I.</b> <i>Hauptzüge der ersten Haschisch-Impression</i> , pp. 558-560	<i>Hauptzüge der ersten Haschisch-Impression</i>	Walter Benjamin: aspectos principais do primeiro contato com haxixe, pp. 45-48	Principais momentos das primeiras impressões do haxixe, pp. 142-145
<b>II.</b> <i>Hauptzüge der zweiten Haschisch-Impression</i> , pp. 560-566  <i>Ernst Bloch: Protokoll zu demselben Versuch</i> , pp. 566-568  <i>Blochs Protokoll zum Versuch vom 14.1.1928</i> , pp. 568-570	<i>Walter Benjamin: Hauptzüge der zweiten Haschisch-Impression</i>  <i>Ernst Bloch: Protokoll zu demselben Versuch</i>  <i>Walter Benjamin: Blochs Protokoll zum Versuch vom 14.1.1928</i>	Walter Benjamin: aspectos principais do segundo contato com haxixe, pp. 49-56 Ernst Bloch: relatório sobre o mesmo experimento, pp. 56-58 Walter Benjamin: o relatório de Bloch sobre o experimento de 14 de janeiro de 1928, pp. 59-62	Principais momentos das segundas impressões do haxixe, pp. 145-150  Não reproduzido  Do protocolo de Bloch sobre a experiência de [14 de janeiro de 1928], pp. 150-153
<b>III.</b> <i>Protokoll des Haschischversuchs vom 11.5.1928</i> , pp. 571-574  <i>Ernst Jöel: Protokoll zu demselben Versuch</i> , pp. 574-579	<i>Walter Benjamin: Protokoll des Haschischversuchs vom 11.5.1928</i>  <i>Ernst Jöel: Protokoll zu demselben Versuch</i>	Walter Benjamin: relatório sobre o experimento de 11 de maio de 1928, pp. 63-67 Ernst Jöel: relatório sobre o mesmo experimento, pp. 67-74	Protocolo da experiência de 11 de maio de 1928, pp. 153-156  Não reproduzido
<b>IV.</b> <i>29. September 1928. Sonnabend. Marseille</i> , pp. 579-587	<i>Walter Benjamin: 29. September 1928. Sonnabend. Marseille</i>	Walter Benjamin: 29 de setembro de 1928. Entardecer. Marselha, pp. 75-85	Não reproduzido



<b>V. Haschisch Anfang März 1930,</b> pp. 587-591	<i>Walter Benjamin: Haschisch Anfang März 1930</i>	Walter Benjamin: haxixe em princípios de março de 1930, pp. 87-91	Haxixe, princípio de março de 1930, pp. 156-159
<b>VI. Über den Versuch vom 7./8.6.1930,</b> pp. 591-592	<i>Walter Benjamin: Über den Versuch vom 7./8.6.1930</i>	Walter Benjamin: sobre o experimento de 7/8 de junho de 1930, pp. 93-95	[Sobre a experiência de 7-8 de junho de 1930], pp. 159-161
<b>VII. Egon Wissing: Versuchsprotokoll vom 7.3.1931,</b> pp. 592-596	<i>Versuchsprotokoll vom 7.3.1931</i>	Relatório sobre o experimento de 7 de março de 1931, pp. 97-102	Não reproduzido
<b>VIII. Fritz Fränkel: Protokoll des Versuchs vom 12.4.1931,</b> p. 597	<i>Ernst Jöel oder Fritz Fränkel: Protokoll des Versuchs vom 12.4.1931</i>	Ernst Jöel ou Fritz Fränkel: relatório sobre o experimento de 12 de abril de 1931 (fragmento), pp. 103-104	Não reproduzido
<b>IX. Fritz Fränkel: Protokoll vom 18.4.1931,</b> pp. 597-603	<i>Ernst Jöel oder Fritz Fränkel: Protokoll vom 18.4.1931</i>	Ernst Jöel ou Fritz Fränkel: relatório de 18 de abril de 1931, pp. 105-112	Não reproduzido
<b>X. Crocknotizen,</b> pp. 603-607	<i>Crocknotizen</i>	Notas sobre o êxtase de haxixe, pp. 37-41	Anotações sobre o “crock”, pp. 161-165
<b>XI. Fritz Fränkel: Protokoll des Meskalinnversuchs von 22.5.1934,</b> pp. 607-614 <i>Aufzeichnung zu demselben Versuch,</i> pp. 614-616	<i>Fritz Fränkel: Protokoll des Meskalinnversuchs von 22.5.1934</i>  <i>Walter Benjamin: Aufzeichnung zu demselben Versuch</i>	Fritz Fränkel: relatório do experimento com mescalina de 22 de maio de 1934, pp. 113-122 Walter Benjamin: Notas sobre o mesmo experimento, pp. 123-124	Não reproduzido  [Anotações sobre a experiência de Fränkel com mescalina, 22 de maio de 1934], pp. 165-167
<b>XII. Undatierte Notizen,</b> pp. 616-618	<i>Walter Benjamin: Undatierte Notizen</i>	Walter Benjamin: notas sem data, pp. 125-126	Notas sem data, pp. 168-169

O quadro esboçado até aqui coloca uma série de questões para a análise do conjunto. Em primeiro lugar, ele mostra que há uma íntima conexão entre as narrativas publicadas e os experimentos, uma vez que as primeiras, seja como “imagem de pensamento” (*Haxixe em Marselha*) ou como “história novelesca” (*Myslowitz-Braunschweig-Marseille*), mostram-se como reelaborações de comentários ou notas feitos no contexto dessas experiências, seja pelo próprio Benjamin, seja por outros de seus participantes.<sup>10</sup> Tomemos como exemplo o primeiro desses relatos.

<sup>10</sup> Além do filósofo e dos médicos citados, o filósofo Ernst Bloch, o médico Egon Wissing e a esposa do último, Gert Wissing.



“*Haxixe em Marselha*” inicia-se de forma peculiar: com uma nota prévia, extraída de um texto científico publicado por Ernst Joël e Fritz Fränkel em 1926 em uma revista médica.<sup>11</sup> Esse texto intitula-se *Der Haschisch-Rausch* – o êxtase (ou transe) do haxixe – e expõe seus diferentes estágios. Nele, encontramos descrições extensas e detalhadas, muitas vezes na primeira pessoa do plural, de sensações que acometeram os “tomadores de haxixe”: “a sensação de premonição e angústia”; serem tomados por uma torrente de imagens e por recordações e lembranças de tempos remotos, que tanto poderiam nos despertar interesse e prazer quanto gerar dor e cansaço; serem “surpreendidos e assaltados” pelo mundo exterior (“por tudo que acontece”), mas também subjugados “por aquilo que dizemos e fazemos”. Faz-se menção ao riso, que nos arrastaria como um acontecimento vindo do exterior, e ao fato de chegarmos a “experiências próximas da inspiração, da iluminação”.<sup>12</sup> Várias dessas descrições – ou temas – serão aprofundadas por Benjamin nos protocolos escritos a partir de 1927, às vezes como percepção de acontecimentos, outras como análise de comportamentos, mas sempre adotando o crivo da razão para investigar os efeitos das drogas como uma tentativa de conceituação dessas experiências.

251

Reproduzida essa nota, a narrativa começa com um local e uma data: *Marselha, dia 29 de julho*, sem referência ao ano. A experiência – como a narrativa – tem início por volta das 7h da tarde. Nesse horário, diz o narrador, “depois de longa hesitação, tomei haxixe”. A alteração da percepção do tempo é sinalizada logo de início: deitado na cama, o narrador perturba-se com o choro de uma criança; tem a sensação de que já se passaram “três quartos de hora”, mas nota que “foram apenas vinte minutos”. Quando se resolve finalmente a sair do hotel, ele acredita que os efeitos da droga não se farão sentir, ou não serão fortes o suficiente para impedir um passeio pela cidade. Encaminha-se então, como primeiro destino, para um café na esquina da avenida Cannabière, onde já começa a sentir “certo bem-estar” e que a sensação de solidão se esvai. Após um tempo de caminhada, o narrador sente uma modificação em sua percepção de tempo e espaço, experiência comum aos usuários de haxixe. “Para quem tomou haxixe”, diz ele, “Versalhes ainda é pequeno, e a eternidade não lhe basta” (BENJAMIN, 2013, p. 136).

A desorientação, que faz com que a narrativa misture o bar no porto em que ele passa primeiro e o restaurante em que janta em seguida, mostra-se também na percepção auditiva: o protagonista se surpreende ao ouvir o que parece ser um concerto de um conjunto de sopro,

---

<sup>11</sup> GS, IV, 1, p. 409; BENJAMIN, 1984, p. 29; BENJAMIN, 2013, p. 135.

<sup>12</sup> GS, IV, 1, p. 409; BENJAMIN, 1984, p. 29; BENJAMIN, 2013, p. 135. Aqui e na sequência, as passagens citadas são extraídas da tradução de João Barrento (BENJAMIN, 2013).



para perceber, ato contínuo, que não se trata senão de “um coro de buzinas”. Logo mais, ele sente que foi tomado pelo “feitiço canônico do haxixe”, que o convertera num “fisionomista”:

[...] fiquei literalmente possesso dos rostos que tinha à minha volta e que, em parte, eram de uma assinalável brutalidade ou fealdade. [...] não aconteceu isto a Rembrandt e a muitos outros? – pode ver na feiura um autêntico reservatório de beleza, melhor, um escrínio, a montanha aberta com todo o ouro de beleza que tem no seu interior, a rebrilhar em rugas, olhares, traços fisionômicos. (BENJAMIN, 2013, pp. 137-138)

252 A partir desse momento, o autor descobre uma espécie de brincadeira ao observar os rostos que estão à sua volta na taberna, principalmente de homens com aparência bruta e grotesca. Envolvendo-se nesse jogo, “que durou muito tempo”, o narrador passa a ver “conhecidos” nos rostos que avista na taberna: “muitas vezes até lhe sabia o nome, outras não; a ilusão desaparecia como desaparecem as ilusões nos sonhos, sem nos deixar envergonhados ou comprometidos” (BENJAMIN, 2013, p. 138). Poderíamos perguntar que estranha operação era essa que permitia ao narrador assimilar ao rosto de um desconhecido o rosto de um conhecido. Nas obras das *Passagens*, Benjamin faz um breve comentário sobre a categoria cognitiva da semelhança, que seria a responsável por conseguirmos fazer a associação entre duas coisas distintas e retirar delas uma identidade, e evoca então os poderes do haxixe. Segundo ele, com consciência lúcida não seríamos capazes de perceber plenamente a ação dessa categoria cognitiva, que se revelaria, por sua vez, sob o transe como uma mágica:

As manifestações de superposição, de sobreposição (*Überdeckung*), que aparecem sob o efeito do haxixe devem ser compreendidas através do conceito de semelhança. Quando dizemos que um rosto se assemelha a outro, isto quer dizer que certos traços deste segundo rosto se manifestam no primeiro, sem que este deixe de ser o que era. As possibilidades de que as coisas assim se manifestem, porém, não estão sujeitas a nenhum critério, sendo, portanto, ilimitadas. A categoria da semelhança, que tem uma importância muito restrita para a consciência desperta, adquire uma importância ilimitada no mundo do haxixe. Neste, com efeito, tudo é rosto-e-visão (*Gesicht*), tudo tem a intensidade de uma presença encarnada, que permite procurar nele, como em um rosto, os traços manifestos. [M1a,1] (BENJAMIN, 2006, p.463)

A referência às semelhanças volta em vários momentos e citações da narrativa. O protagonista lê no jornal que trazia consigo: “É preciso tirar com uma colher o que é idêntico na realidade” – frase que lhe traz à mente outra, anotada semana antes: “Richard era um homem novo, sensível a tudo o que havia de idêntico no mundo” (BENJAMIN, 2013, p. 140).



Em outro momento marcante da narrativa, o narrador se depara em seu passeio com um salão de dança – um *dancing*, como diz a tradução portuguesa. Lá ele narra os acontecimentos que pairam à sua frente: um chinês com uma roupa colorida de seda corre atrás de uma mulher; veem-se moças pela abertura da porta; um rapaz novo chega com uma moça de branco... Acontecimentos pequenos, que, no entanto, lhe tocam “com uma varinha mágica”, fazendo com que mergulhe em sua aparição como num sonho. Lisonjeado por estar naquele pequeno lugar, convertido agora no “centro de toda libertinagem”, seu bem-estar não vinha de um genérico estar na cidade, mas de uma situação em que tudo se via interconectado das mais variadas maneiras. Como nota Benjamin,

[...] pessoas e objetos comportam-se nessas horas como os objetos e as figuras feitos de medula de sabugueiro e colocados em caixas de folha de estanho vivificadas, que, pela fricção do vidro, ficam eletrificados e a cada movimento são forçados a entrar nas mais extraordinárias relações uns com os outros. (BENJAMIN, 2013, p. 141)

## 2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

253

Muito ainda poderia ser dito sobre “*Haxixe em Marselha*”, mas o que nos importa por ora é notar que a narrativa se constrói não simplesmente como relato ficcional, mas como parte de uma investigação científica. Se isso já aparece na relação entre o que é dito na “nota prévia” e o que é relatado em seguida, a análise dos protocolos de que dispomos o comprova de forma incontestável. Lendo o protocolo de número IV (“29 de setembro de 1928. Entardecer. Marselha”), vê-se que Benjamin retoma nessa narrativa, quase linha a linha, a experiência a que se submetera, também num dia 29 a partir das sete da tarde na cidade de Marselha, após a ingestão de haxixe. A diferença é que ele então o fizera como parte de uma investigação conduzida pelos autores das experiências referidas de início, Ernst Joël e Fritz Fränkel. Como notaram estes no final da nota que antecede a narrativa: “É curioso que a intoxicação com haxixe não tenha até agora sido estudada experimentalmente” e que a melhor descrição dela seja a de um poeta. Vê-se, assim, o quanto esse relato, a despeito da aparente informalidade no trato das informações recolhidas, não só dá sequência às investigações pioneiras dos médicos citados, mas busca ampliar a conceituação ali iniciada.

A importância atribuída por Benjamin a tais experiências pode ser aferida a partir de uma carta endereçada ao amigo Gerson Scholem, datada de 30 janeiro



de 1928 – pouco mais de um mês, portanto, depois de seu início. Nela, Benjamin comenta estes experimentos:

[Ernst Joël] e um de meus oponentes de [meus dias como estudante em Berlim], por intervenção de Deus – ou de Satanás –, transformaram-se miraculosamente, convertendo-se em cariátides no portão através do qual entrei agora, em duas ocasiões distintas, no reino do haxixe. Digo com isso que esses dois médicos estão conduzindo experimentos sobre narcóticos e me queriam como sujeito de testes. Eu assenti. As notas que fiz – em parte de forma independente, em parte me apoiando nos protocolos escritos desses experimentos – podem muito bem vir a ser um complemento bastante útil para minhas observações filosóficas, com as quais estão o mais intimamente relacionadas, assim como estão, em certa medida, minhas experiências sob a influência das drogas.<sup>13</sup> (BENJAMIN, 2006, pp. 144-145, tradução nossa)

Na sequência, ele pede ao amigo que não comente tais experiências (“gostaria de ter certeza de que essa informação permanecerá trancada no seio da família Scholem” (BENJAMIN, 2006, pp. 144-145, tradução nossa). Não só o comentário de Benjamin referido acima, mas a contínua reelaboração feita por ele dessas notas e narrativas, mostram que para entender seu alcance e importância é preciso inseri-las em um contexto mais amplo. Na sequência dessa pesquisa, exploraremos os temas referidos de início e aprofundaremos a análise dos protocolos publicados a fim de compreender melhor o teor dessas experiências, bem como o interesse de Benjamin por elas. O que teria levado o filósofo a tal empreendimento, só conhecido de poucos amigos e mantido em sigilo durante várias décadas?

254

Sabe-se que as narrativas citadas só puderam ser escritas porque Benjamin foi atraído pelas experiências de vários poetas e escritores – como Baudelaire, Rimbaud, De Quincey e Hesse, entre outros – que relataram, antes dele, seus experimentos com substâncias como o ópio e o haxixe.<sup>14</sup> Mas é preciso lembrar também o contexto em que se deram esses experimentos. Nesse sentido, a pesquisa tem buscado explorar um extenso levantamento de referências feito na mais recente edição inglesa dos escritos citados: *On Hashish* (Harvard University Press, 2006). Traduzida por Howard Eiland, entre outros, essa edição conta com um apêndice (“*Addenda*”), no qual é não só listado, mas traduzido, um amplo conjunto de escritos, reunindo

---

<sup>13</sup> Todas as traduções de obras originais foram feitas pelos autores e são de sua inteira responsabilidade.

<sup>14</sup> Na narrativa *Myslowitz-Braunschweig-Marselha*, Benjamin se refere nominalmente aos *Paraisos artificiais* de Baudelaire – já mencionado na nota prévia de Joël e Fränkel – e ao *Lobo da estepe* de Hesse, que, segundo o relato de 29 de setembro, teriam fornecido ao filósofo “um argumento derradeiro para que eu me decidisse a tomar haxixe” (BENJAMIN, 1984, p. 75).



cartas – como a há pouco referida, textos publicados, anotações de diário e um comentário de Jean Selz, que podem nos ajudar a situar de forma precisa tais experimentos.



## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Daniel Alves; FRANCO, Rafael Eduardo. Walter Benjamin e o surrealismo. In: MACHADO, Carlos Eduardo J.; MACHADO JR., Rubens; VEDDA, Miguel. *Walter Benjamin – experiência histórica e imagens dialéticas*. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 472.
- BAUDELAIRE, Charles Pierre. *Paraísos artificiais*. Trad. Alexandre Ribondi, Vera Nobrega e Lúcia Nagib. Porto Alegre: Editora L&M Pocket, 1998.
- BENJAMIN, Walter. *Haschisch*. Trad. Jesús Aguirre. Madri: Taurus, 1974.
- BENJAMIN, Walter. *Briefe*, v. I-II. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1978.
- BENJAMIN, Walter. *Haxixe*. Trad. Flávio de Menezes e Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. Trad. Celeste H. M. Ribeiro de Sousa et al. São Paulo: Editora Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- BENJAMIN, Walter. Surrealismo: último instantâneo da inteligência europeia. In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, v. I*. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*, v. IV-1, IV-2, VI. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991. (1ª edição 1972)
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas, v. I*. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BENJAMIN, Walter. *Über Haschisch*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000 (1ª edição 1972)
- BENJAMIN, Walter. *On Hashish*. Trad. Howard Eiland et al. Cambridge, Massachusetts; London, England, 2006.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens/Walter Benjamin*; ed. alemão R. Tiedemann; org. Willi Bolle. Trad. Irene Aron et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento/Sobre o haxixe e outras drogas*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.
- BENJAMIN, Walter. *Walter Benjamin: Baudelaire e a modernidade*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2015.
- BENJAMIN, W.; SCHOLEM, G. *Correspondência – 1933-1940*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. 2 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- LÖWY, Michael. Distante de todas as correntes e no cruzamento dos caminhos: Walter Benjamin. In: LÖWY, Michael. *Redenção e utopia – o judaísmo libertário na Europa Central*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp. 85-110.
- MATOS, Olgária. Apresentação. In: *Haxixe*. Trad. Flávio de Menezes e Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. pp. 7-8.
- MATOS, Olgária. Baudelaire: antíteses e revolução. *Alea*, v. 9, n. 1, jan.-jun. 2007, pp. 88-101.
- SCHOLEM, Gershom. *Walter Benjamin: a história de uma amizade*. Trad. Geraldo Gerson de Souza, Natan Norbert Zins e J. Guinsburg. São Paulo. Editora Perspectiva, 1989.
- WISNIK, José Miguel. Iluminações profanas (poetas, profetas, drogados). In: NOVAES, Adauto. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. pp. 283-300.

